Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA ___/___/___
COD 04D0043

Entrevista com Ailton Krenak e Osmarino Amâncio sobre a "Aliança dos Povos da Floresta" - Prévia ao lançamento da Campanha.

CEDI-SP, 10.05.89, com Beto e André Villas Boas

B - Eu quero você defina o espírito da Campanha dos Povos da Floresta.

AK - A Campanha da Aliança dos Povos da Floresta é uma campanha que ...

B - Primeiro o seguinte, o que é Aliança dos Povos da Floresta, antes de falar da campanha. O que que é, qual o espírito dela, qual o histórico dela, como ela nasceu.

AK - O povo original da floresta é o povo indígena. As nossas tribos são a gente que sempre viveu na floresta, mesmo o povo que vive em regiões que não é de floresta grande como a da Amazônia, os que são dos cerrados, os que são de regiões de capoeira são povos da floresta, são povos do mato, e a cultura do nosso povo é uma cultura que tem economia, que tem toda a organização dela em cima do que a natureza oferece, em cima do que a natureza dá para os homens. Durante muito tempo nós fomos só nós mesmos o povo da floresta. Nos últimos 200 anos, outras gentes brasileiras, outros povos foram construindo uma economia e até uma cultura de extrativismo, de aproveitamento de recursos da floresta. O povo que mais se aproximou, que mais aprendeu com o povo indígena nesse sentido foram os seringueros. Os seringueiros que foram levados para a Amazônia, para ocupar a Amazônia, eles foram inicialmente estranhando o povo indígena, brigando com o povo indígena e se prestaram em muitas ocasiões ao serviço dos seringalistas, dos patrões para liberar áreas indígenas e submeter tribos indígenas à escravidão. Esses seringueiros, eles não conseguiram se firmar como colonizadores da Amazônia, eles foram humanizados pela floresta, a floresta humanizou essa gente, eles aprenderam a viver com o povo indígena, aprenderam hábitos, aprenderam costumes com o povo indígena, aprenderam a conviver com o povo indígena durante um longo período. E hoje nós podemos dizer que os seringueiros têm uma cultura que diferencia ele do povo, por exemplo, dos trabalhadores rurais sem terra, que diferencia eles de outros colonos, eles não são colonos, eles construíram um jeito de viver que aproxima eles muito mais do povo indígena do que de qualquer outra parte da população brasileira. E é isso que joga, que põe os seringueiros como os principais aliados do povo indígena na defesa tradicional do povo indígena da floresta. O povo indígena sempre defendeu a floresta. Os aliados mais recentes do povo indígena são os seringueiros.

Acervo ISA

AVB - E os ribeirinhos ?

AK - Os ribeirinhos são uma parte muito importante da população da Amazônia e estão de uma maneira dispersa ao longo dos rios, não conseguiram construir ainda um tipo de organização como a dos seringueiros, que estão articulados dentro de um conselho nacional de seringueiros que possibilita a eles tratar como uma organização com a União das Nações Indígenas. O fato da gente estar aliado aos seringueiros é porque os seringueiros desenvolveram também um tipo de organização que é correspondente à forma que as organizações indígenas estão trabalhando. Nós esperamos que os ribeirinhos possam participar dessa Aliança na medida em que eles vão estabelecendo projetos próprios deles. Eu até afirmo o seguinte, se os seringueiros continuassem na prática tradicional deles, sem buscar uma superação do modelo extrativista como única base da economia deles, provavelmente eles não poderiam avançar nessa aliança com o movimento indígena, porque o movimento indígena está exatamente, a novidade para as comunidades indígenas é exatamente a nossa luta para atualização das nossas economias e para fortalecimento de práticas tradicionais nossas com base numa articulação com mercado regional, com o mercado local, onde as comunidades indígenas não se colocam apenas como vítimas de um processo ou de um modelo econômico, mas se colocam como partes ativas, como parte significativa das economias regionais também.

B - Você não acha....

AK - Eu quero que você entenda que isso aqui eu não estou dando release para os outros, eu estou fazendo uma ...

B - Certo, é para a gente transcrever e voltar contigo para afinar as idéias. Agora, estou pensando o seguinte, você não acha por exemplo que esse papo aí de aliança de índios com seringueiros, os conflitos ainda estão muito recentes. Em toda a Amazônia há grupos inteiros indígenas cujos velhos guerrearam com os seringueiros à morte e os conflitos são muito recentes. Não só com os seringueiros mas os castanheiros, com todas as populações extrativistas. Então, esse papo de aliança não é uma coisa meio retórica, porque na verdade você não tem base social para levar esse troço para frente ?

AK - Bom, eu posso responder essa sua pergunta com uma coisa muito clara. Nós somos 180 tribos indígenas em que em alguns casos os velhos de uma tribo foram os algozes dos velhos da outra tribo que agora compõem a Aliança dos Povos da Floresta ou a União das Nações Indígenas. Quando eu estava dentro da aldeia Suruí, conversando com o chefe Suruí sobre a União das Nações Indígenas, ele perguntou para mim se a união das nações indígenas significava que agora as tribos

Acervo ISA

iam ficar juntas, iam trabalhar juntas. Eu respondi para ele que sim, que significava que nossas tribos iam andar juntas, que nós íamos juntar nossa força para proteger nossos povos, ele pegou e falou assim "poxa, então agora eu não posso mais matar os Zoró", porque os Zoró são os vizinhos dos Suruí, inimigos tradicionais deles. E eu posso te mencionar também que quando o Krumare, não, quando o Kremoro desceu do avião lá na aldeia dos Tapirapé e os Tapirapé viram a cara dele, sairam voando porque a última vez que eles tinham se visto, foi há uns vinte anos atrás, eles tinham se encontrado num conflito, num combate onde ele, os Kayapó tinham dado um cacete nos Tapirapé. Então sua restrição aos seringueiros, se você fosse mais generoso um pouquinho, você estendia a restrição a todo mundo, você tinha que estender ela a 180 tribos indígenas, nós somos todos inimigos tradicionais. Agora, você talvez não entendeu ainda que na psicologia dos índios o inimigo tradicional você preserva ele mais que um amigo tradicional. Amigo tradicional você pode perder a qualquer momento, inimigo tradicional você mantém. Eu preservo meus inimigos tradicionais até a última hora. Sabe aquele cocar que começa com uma pena verdinha aqui, depois tem uma variação de tons, tem uma pluma azul aqui e uma outra verdinha no fim, o amigo tradicional é este aqui, o inimigo tradicional é este aqui, não tem dois caras mais perto um do outro do que o amigo tradicional e o inimigo tradicional, os outros são povo.

B - Agora, essa Declaração dos Povos da Floresta que foi aprovada recentemente nesse encontro do Acre, fala dessa aliança que nasceu no Acre, quer dizer, você poderia explicar porque essa referência ...

AK - Aliança entre povos indígenas e seringueiros ela não é uma invenção da minha cabeça nem da cabeça do Chico Mendes que falava isso pelos quatro cantos do mundo, ela é uma realidade. O Suero, um velho chefe Kaxinaua, meu amigo, ele tem o corpo dele marcado pela dominação dos patrões nos seringais lá do Acre, assim como todo povo Kaxinaua, os Poianaua e várias outras tribos daquela região, eles eram escravos de dívidas nos seringais, que por acaso esses seringais estavam estabelecidos em cima das suas terras indígenas que foram ocupadas à força por seringalistas, com o uso de seringueiros como milícia. Hoje o Suero anda junto com os seringueiros, sai do Acre e vem para Brasília discutir com o ministro da Indústria e Comércio melhor preço para a borracha, não é uma invenção da minha cabeça, porque senão um velho de 80 e poucos anos não aceitaria descer para Brasília com os seringueiros para discutir preço de borracha. Esse é um exemplo que eu te dou. Outro exemplo concreto que eu te dou porque que essa aliança pode surgir no Acre, é porque o povo indígena daquela região, nos últimos vinte anos, fez uma luta muito grande contra os patrões, uma luta de retomada de seus territórios, de controle das suas áreas. Quando essas comunidades indígenas

Acervo ISA

recuperaram o controle das suas áreas, e em alguns casos conseguiram forçar a retirada dos patrões dessa região, eles mostraram para os seringueiros que eles estavam do outro lado do rio, que entre os seringueiros e os índios havia o patrão. Quando os índios conseguiram suprimir o patrão, eles se encontraram com os índios. O encontro entre os índios e os seringueiros no Acre se deu pela supressão do patrão. Está muito sofisticado, não ?

B - Você que acha que, por exemplo, você projeta como a própria Aliança tem no seu .... sobre a Amazônia, conforme você projeta isso para a Amazônia, como é que você vê a diferença, como é que seria ? Qual o tempo dessa projeção ? Qual o conteúdo dela ?

AK - Eu acho que o aspecto verdadeiro que essa proposta da Aliança se abrir para os outros povos oferece, é de que Roraima, por exemplo, que não tem seringueiro, mas tem ribeirinhos, tem índios, ela pode reunir aquela população numa compreensão, num entendimento de que a natureza é o lugar comum para esses povos poderem viver, e que os projetos de futuro desses povos podem ser afirmados, podem ser consolidados a partir da força deles juntos, não é uma coisa assim de solidariedade gratuita, não é essa coisa de vamos ficar juntos, tipo unido jamais seremos vencidos. Não é isso, mas é no sentido de que essas populações podem estabelecer formas de cooperação efetiva. Os seringueiros lá do Juruá, por exemplo, se eles só produzem borracha, eles entram na economia regional de uma maneira difícil, porque eles só produzem borracha e compram todos os outros produtos, eles compram farinha, eles compram todo o alimento deles em outro lugar. Lá no Envira tem um rio, que é chamado Rio da Fome, os seringueiros só produzem borracha, eles compram toda alimentação deles em Tarauacá, em Feijó, em outros lugares. Os índios vizinhos deles produzem farinha, produzem arroz, tem uma grande produção de alimentos. Por que que essa comunidade indígena e essa comunidade seringueira não estabelecem um mercado de troca regional, em que eles se abasteçam e coloquem depois o seu produto no mercado externo de uma forma mais competitiva, de uma forma mais organizada ? Nós estamos iniciando isso lá no Acre. A cooperação entre área indígena que tem produção de alimentos para uma área de produção exclusiva de seringa.
Isso é economia. Você vai gerar riquezas ali, você vai viabilizar economicamente projetos de futuro dessas comunidades. Agora, se essas comunidades não estiverem juntas, se elas continuarem se opondo como grupos humanos, como culturas, não vai haver possibilidade dessa cooperação, o primeiro passo é um passo de amizade mesmo entre os povos.

B - Agora, você está falando em atualização, eu posso entender que essa palavra quer dizer modernização ? O que quer dizer essa palavra ?

Acervo ISA

AK - Não obrigatoriamente. Atualização não tem que ser obrigatoriamente modernização.

B - Você não acha que esse processo de atualização pode acabar resultando numa perda de identidade, de tradicionalismo desses grupos ? Como é que se encaixa com a idéia, você fala de atualização e ao mesmo tempo de reforçar mecanismos tradicionais, não há uma contradição ?

AK - Não, não é uma contradição porque se, por exemplo, você possibilita que uma comunidade indígena que hoje tem a economia dela baseada na extração da seringa, que vende a matéria bruta no mercado regional, se ele puder daqui a cinco anos ter umas vinte mini-usinas onde ele vende a borracha laminada e não mais bruta, ele fez uma atualização tecnológica mas ele vai continuar tendo a mesma cultura dele, o mesmo habitat dele e, muito provavelmente, vivendo com muito mais segurança porque ele não vai estar mais tangido pela miséria, pela dificuldade de relação com o mercado, com as outras forças políticas regionais. No caso de uma comunidade indígena, eu poderia dar um exemplo de atualização tecnológica que também não suprime aspectos da cultura, que é o caso, por exemplo, dos nossos parentes Suruí de Rondônia que estão com vinte anos de contato e que quando sua terra foi demarcada pelo governo eles herdaram, nesse processo de demarcação, lavouras de café, áreas de pastagem e plantios que a gente poderia chamar de cultivo branco, cultivo, culturas dos brancos não cultura indígena, isso significou a devastação de uma parte de mais ou menos uns 10% do território deles que é uma região de floresta.

B - Quer dizer, uma devastação provocada por invasão.

AK - Por invasão. Então, quando eles estavam com a terra demarcada, quando foi demarcada a terra deles, quando recuperaram a área, recuperaram a área degradada. O conhecimento tradicional dos Suruí para recuperar área que está doente, áreas que estão doentes, é um conhecimento que implicaria neles abandonar aquela região, deixar aquela terra descansar por um período de duzentos, trezentos anos, pela extensão dela, para ela se recompor de novo. Os Suruí não vão poder ficar duzentos, trezentos anos num outro lugar porque toda região de Rondônia em torno deles, o cinturão em torno deles, está todo devastado, a área deles é uma ilha. Então o que eles precisam ? Eles precisam ter tecnologia que consiga aplicar com intensidade o conhecimento tradicional deles na recuperação daquela área, eles não vão poder esperar que o reflorestamento daquela área se dê de forma natural, eles vão ter que incentivar, induzir isso. Eles vão ter que distribuir mudas, eles vão ter que ter viveiros, eles vão ter que ter estufas, eles vão ter que ter uma série de engenhocas ali e, em alguns momentos, vão ter até que realizar também uma cooperação com biólogos, com engenheiro florestal para aplicação desse conhecimento tradicional.

Acervo ISA

Então essa atualização tecnológica, ela é afirmativa da tradição, ela não é negativa da tradição, porque quem dá o segredo de como curar a terra é exatamente os velhos, são os exatamente velhos, é o conhecimento tradicional, ele é feito com atualização tecnológica, ele é feito com uma espécie assim de aproveitamento seletivo de práticas e de técnicas que a ciência e que os brancos inventaram, criaram.

B - Mas o que você está falando não é a mesma coisa que, por exemplo, a gente não poderia perguntar se esse conjunto de idéias, esse conjunto de conceitos não são parentes da idéia de propiciar aos índios a aculturação e a integração, que o governo vive falando ?

AK - De jeito nenhum. Inclusive é muito bom deixar bem claro o seguinte, o grande dilema da maioria dos países hoje que ainda, não só hoje, mas dos países que tiveram que conviver com populações tradicionais, com populações nativas foi o de operar uma convivência com essas populações nativas sendo que elas pudessem se relacionar com o conjunto das sociedades sem ser uma espécie assim de débeis mentais, sem ser um aleijão social. Na África, na Ásia, na América do Norte e aqui na América Latina inteira, a gente tem visto isso. O mata-burro para os civilizados conviver com os povos tradicionais tem sido exatamente essa palavra "integração", eles ficam confusos com essa história de integração, de assimilação e fazem uma confusão dos diabos porque eles não conseguem entender uma coisa, que essas populações tradicionais, cada uma delas, cada uma dessas tribos tem o que a gente poderia chamar de seu projeto de futuro. O projeto de futuro dessas populações não é aquilo que eles estão vivendo hoje ou que viveram no passado, é uma equação entre o que viveram no passado, o que vivem hoje e o que vão viver no futuro, é o projeto de futuro dessas populações. Agora, o projeto de futuro dessas populações não suprime de maneira nenhuma a sua experiência de contato com os brancos. Quando o Leônidas Pires fica nervoso dos índios estarem usando Panasonic, Seiko e calça jeans, ele está se esquecendo exatamente que esse elementos, esses dados, eles vão ser a matéria prima para essas populações construírem seu projeto de futuro. Se houver sensibilidade e respeito por essas populações, essas populações são capazes de dar resposta a problemas muito sérios que essa civilização moderna não consegue responder. Não só do ponto de vista ambiental mas do ponto de vista inclusive de relações sociais mesmo, porque que as comunidades tradicionais conseguem assegurar, por exemplo, controle populacional, porque que conseguem assegurar níveis de atendimento das necessidades de seu povo sem conflitos, sem guerras extraordinárias e tudo. Nós sabemos que tem tribos nossas que não são tribos guerreiras, que nunca fizeram guerras, são tribos pacíficas mesmo, assim por religião, e não precisam lançar mão de conflitos para resolver os seus

Acervo ISA

problemas sociais. Tem muita coisa que os civilizados poderiam aprender.

B - Tem mais umas coisas sobre a Aliança que eu vou perguntar, mas não só para você, eu quero ouvir também dele. Eu fiquei com a impressão, lá no Acre, eu ouvi muito essa conversa...

AK - Eu espero que você tenha entendido muito bem que nós não estamos querendo fazer a integração, nós não estamos substituindo o projeto do Mal. Rondon. Eu não sei se isso ficou bem claro para vocês.

B - Agora eu quero saber o seguinte, eu escutei muito lá no Acre, da parte dos seringueiros, que a vida deles na floresta é extremamente penosa...

AK - é claro que é.

B - ... e eu entendo que os índios têm uma cultura milenar na floresta, estão acostumados a viver com ela, sem reclamar dela ser uma vida áspera; agora, eles reclamam muito de aspereza. Então, uma parte do que eu tenho que perguntar é para eles, mas para os índios que quero saber o seguinte: vocês vão amarrar seu burro numa aliança com uma categoria social que reclama tanto da aspereza da vida na floresta que às vezes eu fico pensando que eles estão a fim de sair fora, como outras categorias camponesas que uma vez tendo reconhecimento, por exemplo, de direitos territoriais e outras coisas, venderam e se mudaram para a cidade. Então, como é que você sente de fato a presença e a consistência desses aliados ?

AK - Bom, em primeiro lugar eu queria dizer o seguinte, nós estamos com uma bola tão cheia hoje que se a gente quisesse fazia aliança com a UDR, eu podia fazer uma aliança com a FIESP, eu não procurei o Mário Amato para fazer uma aliança, nem o Ronaldo Caiado, eu procurei o Chico Mendes para fazer uma aliança exatamente porque nós podíamos estender a mão para os seringueiros, para eles terem acesso àquilo que a humanidade tem, a compreensão que a humanidade tem de direitos. Porque esse povo era escravo até outro dia, em algumas regiões da Amazônia eles ainda são escravos, escravos por dívidas, você é capaz de encontrar em alguns seringais gente que é ferrado, a ferro igual burro, na pele deles. Eu acho que o aspecto talvez mais generoso da Aliança dos Povos da Floresta, é que ela não é uma aliança de interesses escusos, ela é uma aliança entre povos, povos que querem se proteger e que juntos querem proteger a floresta, querem proteger a natureza. Nós não fizemos essa aliança com os seringueiros porque nós somos obrigados ou precisamos, nós fizemos essa aliança porque nós queremos que os seringueiros avancem cada vez mais nessa sua compreensão,

que eles já mostraram que tem, de que a floresta não é um lugar onde eles passam, é um lugar onde eles vivem.

B - Mas você não acha que eles vivem lá por falta de alternativa ? Quer dizer, eles receberam passagem de ida, foram esquecidos no meio da floresta e vivem reclamando que não têm saúde, não têm escola, não têm acesso ao mercado, não têm porra nenhuma e que eles só sabem cortar seringa e são analfabetos. Bom, então eles não têm alternativa. Eu quero saber se na medida em que eles tiverem alternativa, se eles não vão abandonar isso.

AK - Esse povo não só tem alternativa como esse povo é o único que está propondo alternativas para aquela região da Amazônia.

B - Qual que é ?

AK - A alternativa que eles estão propondo é a não aceitação da retalhação da floresta, o estabelecimento das reservas extrativistas, assegurar para essas reservas extrativistas um suporte tecnológico, um suporte político, institucional, em que eles possam realizar ali dentro das reservas extrativistas o seu projeto social, educar seus filhos, criar seus filhos. Eles esboçaram um programa de educação na rede de escolas de floresta, eles esboçaram um programa de saúde dos seringueiros. Eles não estão pedindo INAMPS lá dentro, eles não estão pedindo INCRA lá dentro, pelo contrário, eles pediram para o INCRA sair de lá de dentro. Então dizer que esse povo não tem alternativa é desconhecer a formulação que eles estão fazendo desde o final da década de 70, batendo em tudo quanto é porta, insistindo que querem viver ali. E eu te digo o seguinte, os seringueiros não estão na Amazônia porque foram mandados para lá só com a passagem de ida, eles estão sendo chutados da Amazônia a coturno no rabo todos os dias, eles estão pegando a bota dos caras e mordendo. Eu já vi seringueiro mordendo na bota de quem está chutando eles de lá, agarrado o dente na bota, dizendo: eu não vou sair daqui não. E dizer que eles estão só esperando uma passagem para vir embora de lá, é desconhecer também que eles têm morrido lá para ficar lá, e não são só as lideranças do movimento dos seringueiros que têm morrido, não é só Chico Mendes, não é só os outros companheiros, Wilson Pinheiro, não são só esses mais assim, ilustres companheiros de sonho, têm os anônimos, seringueiros que são mortos lá no meio do mato, que os patrões deles matam eles lá todos os dias. Se você observar, você vai ver que na verdade os seringueiros têm muito mais transporte, têm muito mais passagem de volta para cá do que os nordestinos têm para sair da Paraíba. Eu te digo o seguinte, não é por falta de passagem de volta que os seringueiros estão na Amazônia, o coração deles está lá. E eu acho que eles repetiriam tranquilamente aquela frase do nosso parente norte-americano: "enterrem meu coração na

Acervo ISA

curva desse rio". Eu acho que eles querem que o coração deles fique lá nos seringais, por isso que eles não estão vindo para São Paulo. Agora, isso não significa de maneira nenhuma desconhecer a aspereza da vida que eles vivem, afinal de contas só tem, em alguns casos, seis anos, oito anos ou dez anos que eles saíram de sob a chibata de um patrão, patrão no sentido senhor, dono. Os negros, segundo narra a história do Brasil, foram libertos em 1888, eu continuo vendo a maior parte deles aí com saudade da senzala, porque você estranha que os seringueiros tenham saudades do patrão ?

AK - Não, porque ele falou que seringueiro reclama da aspereza vida, que talvez ele só queira uma passagem de volta para a civilização.
B - ... essa Campanha, e tem um comitê que vai operacionalizar um conjunto de apoios no Brasil e no exterior para recolher recursos através da venda de selos, conforme for entrando esse dinheiro, o que vocês vão fazer com esses recursos ?

O - Uma das preocupações do Movimento dos Povos da Floresta é manter o movimento independente de qualquer tutela de Estado, apesar da gente tentar em alguns momentos trabalhar em convênio com esses órgãos, mas nós estamos definindo que a Aliança tem que manter os seus projetos de pensamento, tipo assim, nós estamos pensando em fazer um laboratório de pesquisas, de estudos, com seu trabalho próprio, tipo assim, precisamos de técnicos de estudos e de pesquisa numa área lá do Rio Tejo, um levantamento sobre adensamento, sobre criação de animal, nós estamos querendo que esse movimento dê, ofereça as condições, crie as condições próprias para que ele possa gerir o trabalho de acordo com o que nós achamos que vai ser viável. Tem muitas riquezas naturais e ninguém sabe como aproveitar essas riquezas naturais, para fazer um estudo sobre isso a gente precisa de geólogos, precisa de topógrafos, de engenheiro florestal, precisa de biólogos, precisa de uma série de coisas, e esse pessoal existe...

A - Não, eles não estão disponíveis por aí.

O - Isso, é preciso que se pense nesse sentido. é isso aí que eu queria...

AK - Desculpe ter interrompido, é que fiquei empolgado. Pode continuar.

O - Não, pode colocar seu...

B - Então, você está falando de um laboratório no centro de pesquisa lá, mas esse laboratório vai absorver todos os recursos dessa Campanha, tem outras possibilidades ?

Acervo ISA

AVB - Quer dizer que a Campanha só destinada para fazer a pesquisa ou tem outro tipo de atividade que pode ser financiada por recursos da Campanha ?

AK - Coisas que, por exemplo, as Reservas Extrativistas, comunidades, as cooperativas, tem alguma parte desses recursos que já vai poder, você imagina que uma parte desses recursos vai poder adiantar coisas que já estão andando lá no meio da floresta, que precisa desses recursos ?

O - Sim, tranquilamente, os projetos de educação popular, treinamentos para o pessoal poder gerir, nas próprias Reservas Extrativistas que estão sendo criadas e que hoje precisam de um trabalho muito intenso nessas Reservas; posto de saúde, que precisa ser criado, aperfeiçoamento; projetos de reflorestamento nas áreas que já foram devastadas. Tem uma série de trabalhos a serem feitos agora nas Reservas Extrativistas, nas cooperativas que estão sendo criadas, nas mini-usinas que estão sendo estruturadas, associações, e isso eu acho que esses recursos, além do que se pensa do projeto que se pensa do laboratório de pesquisa, tem essa outra série de coisas, encontros nas áreas, levantamentos de quantidade de seringueiros ainda existentes em cada Reserva Extrativista que for sendo criada, levantamento de áreas que são da União, ou que estão sendo de particulares, tem uma série de coisas que vão ser, sem dúvida, importante a ser feito e que a gente já está fazendo isso mesmo sem ter os recursos necessários para fazer, estamos fazendo dentro da medida do possível, daquilo que está no alcance.

AK - Você acha que se a gente considerar, por exemplo, que esses recursos têm um total fixo, não é um recurso aberto, você teria prioridades dentro desse pensamento ? Por exemplo, se a gente tiver um tanto de dinheiro, um total X, você teria prioridade para esse total X ou você incluiria todas essas atividades que você está falando ? Se você sabe que ele acaba, ele não é um saco sem fundo, ele acaba, você teria prioridades para ele ?

B - Deixa eu perguntar de outro jeito porque a pergunta é para vocês dois. Vocês têm idéia de quanto é que vocês vão juntar nessa Campanha, primeira pergunta. Segunda: eu imagino que a UNI e o Conselho já estão fazendo um monte de coisas, esses anos todos, que já tem fonte de financiamento, então, essa Campanha vai juntar todos os fundos que vocês já recebem ou essa Campanha é uma coisa a mais ? Como é que essa Campanha se encaixa dentro de uma alternativa de financiamento que vocês já têm para vocês levarem adiante os projetos. Então são duas perguntas. Quanto vocês esperam juntar ? Dois, como é que esse conjunto de recursos entra no conjunto da Campanha ? E três, esse negócio das prioridades.

AK - Vamos com calma. Se você mete três perguntas assim na cabeça da gente de uma vez, é complicado. A primeira

Acervo ISA

pergunta que você fez é quanto a gente espera como resultado dessa Campanha, qual o fundo total que a gente espera. Quando nós pensamos essa Campanha, nós pensamos no lançamento dessa Campanha com 5 milhões de selos, então é lógico que essa Campanha tem um objetivo determinado, 5 milhões de selos, vendidos a 1 cruzado cada um, é 5 milhões de cruzados. Nós esperamos obter isso. Agora, é claro que 5 milhões...

B - O selo vai custar 1 cruzado ?

AK - Não, é que nós pensamos nessa referência um por um, porque nós estamos pensando que essa Campanha não é uma campanha dirigida a nenhuma instituição, essa Campanha é para falar com as pessoas, não é, Osmarino ? é uma Campanha que a gente quer falar com pessoas, do mesmo jeito que ela é uma Campanha do Povo da Floresta, a gente quer falar com o povo da cidade, cada pessoa, um menino, uma mulher, dona de casa, trabalhador, qualquer um, ele pode comprar um selo porque ele tem um cruzeiro. Cruzeiro é dinheiro do Brasil mas nos Estados Unidos, por exemplo, ele dá um dólar.

B - Mas se uma firma quiser comprar um lote de selos, pode ?

AK - Se a firma quiser comprar um lote de selo, nós...

B - Uma organização...

AK - Nós não gostaríamos não. Não é o nosso objetivo principal porque o que as pessoas precisam entender é que o principal objetivo dessa Campanha não é pegar dinheiro no mundo, o principal objetivo dessa Campanha é envolver as pessoas, o sujeito comum, o indivíduo que está preocupado com a natureza, que está preocupado com a floresta, com a proteção da floresta, que ele possa participar dela, ele não vai poder largar o emprego dele, largar a vida dele, largar a escola dele para virar seringueiro ou para ir morar na comunidade indígena. Não é, Osmarino ? Mas ele pode dar um cruzado, um dólar ou uma moeda lá do país dele para essa Campanha, sem mudar a rotina de vida dele, mas quando ele vê alguma coisa, alguma notícia sobre a floresta ele vai saber que estão falando de alguma coisa que diz respeito a ele, que ele participa disso.

AVB - Mas olha, eu posso ser um cara muito rico que queira colaborar com a Campanha e eu quero colaborar com 1 milhão de dólares e não com 1 cruzado.

AK - Olha, se você é um cara muito rico, que tem 1 milhão de dólar, que quer comprar da gente 1 milhão de selo, eu acho que você pode comprar, mas seria muito importante que você não comprasse esse 1 milhão de selo para jogar no lixo da sua fábrica. Era bom que você pegasse esse 1 milhão de selo e distribuísse ele nas comunidades onde você distribui seu

Acervo ISA

produto, porque esse selo ele é uma Campanha, ele leva uma mensagem, nós não estamos vendendo chiclete, nós não estamos vendendo picolé. Nós estamos vendendo chiclete, Osmarino ?

O - Mesmo porque, como eu disse aí, mesmo porque a discussão que vai ser feita com o pessoal é no sentido da conscientização...

AK - é conscientizar o cara.

O - Conscientizar do perigo que corre com a devastação do meio ambiente, da floresta, dos povos da floresta. E depois a pessoa que quer contribuir, ele vai contribuir pegando o selo e dizendo "o selo custa 1 cruzado mas eu quero dar pelo selo 10, eu quero dar 50", ele pode até...

AK - Dar 1 milhão.

O - ... dar 1 milhão pelo selo ou 5 milhões, "eu quero contribuir", e se ele está com intenção de contribuir com a Campanha, ele quer ajudar na Campanha...

AK - Para avançar.

O - Exatamente, ele vai é propagandear, ele vai pegar selo para vender para outras ...

AK - Ou para distribuir com os produtos dele que ele quer.

O - Então eu acho que vai ser nesse sentido, eu acho que isso tem que ficar bem claro.

AK - E é isso que diferencia essa Campanha de uma campanha de caridade, não é, Osmarino ? Nós não estamos fazendo campanha de caridade. Não é SOS Seringueiros, SOS Povos da Floresta. Nós não estamos afogados pedindo esmola. Nós estamos fazendo uma campanha de conscientização do povo da cidade, porque o dia que ele tiver o nível de consciência que o povo da floresta tem a natureza não vai correr o perigo que está correndo. Nossas populações vão ser viáveis economicamente, socialmente. Nós não vamos ter conflito no campo porque a gente vai estar equacionando esse problema de alguma maneira, pelo menos no plano regional e local. Agora, tomara que todo mundo entenda o que a gente está fazendo. Quando eu disse que não era interessante que uma empresa comprasse, é porque de repente o Banco Central do Brasil pode decidir comprar esses 5 milhões de selo. Compra, dá os 5 milhões de cruzados para nós e cala a nossa boca. Nós não estamos interessados nisso. Aliás a Bordon, que estava desmatando lá no Acre, pode decidir comprar os 5 milhões de selo da Campanha. Cala a boca dos seringueiros, cala a boca dos índios e compra os 5 milhões da Campanha. A Rede Globo pode comprar os 5 milhões de selo da gente. Nós não estamos interessados nesse tipo de negócio, nós não estamos vendendo

Acervo ISA

chiclete, apesar de que os seringueiros produzem borracha e vendem...

B - Quer mudar ?

AK - Mas eu achei bom vocês fazerem essa provocação porque se algum jornalista...
Ela é uma Campanha interessante porque a gente tem uma visão de quanto nós vamos arrecadar. São 5 milhões de selos, é uma tiragem única, nós vamos vender esses 5 milhões de selo. Se a gente conseguir vendê-los em um ano, nós vamos ter 5 milhões de cruzados em um ano.
Agora, esses fundos nós não vamos esperar um dia que nós tivermos vendido todos os selos para fazer nosso trabalho. Se a gente tiver arrecadado 200 mil, 500 mil cruzados, o comitê da UNI e do CNS vai definir a aplicação dele naquilo que as comunidades já estão desenvolvendo. Nós não estamos abrindo um balcão para projetos novos, nós já temos nosso trabalho que precisa ser feito, nós estamos passando dificuldades, nós temos um centro jurídico que não tem meios para trabalhar, nós precisamos de um advogado para acompanhar as questões dos seringueiros e dos índios e não temos advogados a nossa disposição, não é, Osmarino ? Se a gente tiver esses recursos a gente vai ter nosso serviço jurídico funcionando, se a gente tiver esses recursos a gente vai ter nosso centro de pesquisas funcionado. E uma coisa que é muito importante das pessoas entenderem, se o CNS está viabilizando as reservas extrativistas como proposta social por outro lado as reservas extrativistas não estão viabilizadas do ponto de vista técnico, eles precisam de recursos para viabilizar essas reservas extrativistas do ponto de vista técnico. Quando o Osmarino falou que eles precisam formar agentes, não é só alfabetizar agentes, eles precisam formar técnicos deles que vão colocar os produtos deles no mercado, que vão descobrir como comercializar os produtos, os diversos produtos que tem ali de maneira viável, sustentável, não para vender igual bugiganga.

B - Agora, quero saber o seguinte, fundações, agências de financiamento que quiserem colaborar com os projetos da UNI e do CNS, podem fazê-lo independente dessa Campanha. É isso?

AK - Sim.

B - Essa é uma campanha para os cidadãos, para as pessoas.

AK - Essa Campanha é uma campanha dirigida às pessoas, aos cidadãos, ao povo. É do povo da floresta para o povo da cidade.

B - E por que vocês decidiram lançar essa Campanha agora, com esse perfil ?

Acervo ISA

AK - Porque, tradicionalmente, as agências de governos e mesmo as agências que não são de governos, elas trabalham com programas de cooperação e ajuda a populações indígenas, a populações regionais. Alguns dos programas que a comunidade indígena desenvolve e que os seringueiros desenvolvem, contam com o apoio de uma ou outra agência. Essas agências têm dinheiro de governos, nós achamos que essas agências já estão bastante educadas sobre o que nós estamos fazendo, mas o cidadão comum não. O povo, o cidadão comum ele ainda não entende como que os índios e os seringueiros têm um projeto de vida, por que que os índios e os seringueiros querem desenvolver uma maneira de ocupação da floresta que é diferente do que o governo propaga, do desenvolvimento. Inclusive nós temos preocupação dessa população passar a ver os índios e os seringueiros como uma espécie de povo atrasado, que não aceita o progresso, que não aceita o desenvolvimento e confundir a gente com um bando de tatu. O que acontece é que nós temos uma alternativa a progresso e a desenvolvimento, e é isso que nós queremos comunicar com esse povo. Quando a gente fala que esse selo é uma campanha de conscientização, é isso...

B - Educativa.

AK - É educativa. A gente quer que quando uma pessoa compra aquele selinho eles falem: "puxa, então os índios e os seringueiros não estão perdidos no meio do mato, esses caras sabem onde estão, sabem o que querem fazer e porque é que querem viver lá".

B - Que apoios vocês esperam contar no Brasil para essa Campanha ? Porque, diferentemente de outras, esta Campanha está sendo lançada aqui, uma vez que nesse momento a opinião pública internacional está muito motivada, esse negócio da Amazônia e tal, vocês decidiram lançar a Campanha aqui, com o Milton Nascimento. Então, que tipo de apoio vocês esperam no Brasil ?

O - Olha, tem vários, a gente espera contar com vários tipos de apoio. Um deles, um tipo de apoio, é das entidades que estão trabalhando no sentido de ajudar a contribuir para que essa Campanha dê certo, principalmente na divulgação. Eu acho que um dos apoios que vai ser muito importante vai ser que as entidades se preocupem, junto a sua categoria, junto ao seu alvo de trabalho, a sua escola, onde ele trabalha...

AK - Sua comunidade.

O - É, sua comunidade, ele possa divulgar ao máximo no sentido das pessoas entenderem, porque vai ser espalhado em tudo qualquer canto essa Campanha, mas pode ser que a gente leve o recado de um jeito e as pessoas comecem a entender de outra forma.

Acervo ISA

AK - Se confundam.

O - Se confundam. A forma que a gente precisa do apoio do pessoal para que quando existir confusão entre a população, geralmente a população sempre ela tem ligações com um grupo, com outro grupo, conforme o seu meio de vida, de vivência. Então, que as entidades, as personalidades, dentro do seu ritual de trabalho, possam ajudar a esclarecer o sentido do nosso trabalho, o sentido da nossa Campanha. E isso, eu vejo por aí, não é, Ailton ? Que seria uma forma de que a Campanha dê certo aqui no Brasil.

AK - Sim, porque como ela está sendo lançada aqui no Brasil, é muito importante que a consciência da população, que a informação, que a educação da população sobre o que é essa Campanha, seja a primeira coisa, a principal prioridade. Porque eu acho que se essa população tiver sabendo porque é que os índios e seringueiros estão fazendo essa Campanha, nós vamos ter uma novidade muito grande no Brasil porque, pela primeira vez, o cidadão comum vai cooperar, vai contribuir para uma luta de proteção da natureza. Porque não é tradição aqui no Brasil a população participar, a população no Brasil nunca participa disso, a maioria das organizações ambientalistas que tem no Brasil ou trabalham com verba do governo ou com doações de organismos internacionais, nós vamos ensinar o povo brasileiro a participar disso. Qualquer um menino pode dar um cruzeiro num selo, e ele vai participar dessa Campanha fazendo isso, mas ele vai fazer isso só se ele for educado para isso.

B - Mas essa Campanha também vai ser lançada no exterior, não vai ?

AK - Vai. Essa Campanha vai ser lançada em outros países. Nossa decisão de lançá-la no Brasil é porque nós achamos que o Brasil tem uma responsabilidade muito grande de educar outros países e outros povos sobre a possibilidade de preservar uma região de floresta, com um povo tradicional que habita ali dentro, desenvolvendo uma tecnologia, uma economia própria e sustentável. Porque a maioria dos outros países não conta mais com essas condições, não têm populações tradicionais vivendo na floresta. Ela vai ser dirigida principalmente a países ricos, a países do 1o. Mundo, com o objetivo aqui educativo mas também de arrecadar fundos, porque nós sabemos que essas populações dos países ricos eles têm condições tranquilamente de participar de uma Campanha dessas, sem nenhuma dificuldade econômica. O principal alvo da campanha econômica, para nós, é o público internacional.

AVB - Como é que você explica a coincidência do lançamento dessa Campanha Internacional da Aliança dos Povos da Floresta com a campanha que o Raoni, o Sting vem fazendo em torno da criação da Fundação Mata Virgem ?

Acervo ISA

AK - Eu acho que nós podemos mencionar, além dessa campanha que o Sting está fazendo com os nossos parentes Kayapó pela Europa, nós podemos mencionar também o lançamento do filme Quarup que o Ruy Guerra fez, está sendo lançado agora em Cannes, na França; nós podemos mencionar a criação de uma outra fundação chamada Fundação Quarup também, que é de um grupo aqui fez o patrocínio, a produção do filme; nós podemos mencionar a criação de várias outras iniciativas de fundações ou até de comitês, como os vários comitês Chico Mendes espalhados pelo Brasil inteiro e nós podemos considerar que todos esses acontecimentos...

B - Fundação Chico Mendes.

AK - É, a Fundação Chico Mendes, o próprio filme que vai ser feito a nível internacional. Eu acho que o que a gente pode mencionar é que todos esses acontecimentos são sementes que durante muito tempo estiveram sob a terra e que agora floraram. Essas sementes vão dar frutos, vão dar frutos diferentes; tem um que vai dar cupuaçu, tem outro que vai dar araticum, tem outro que vai dar barú, tem outro que vai dar pitomba, tem outro que vai dar laranja, tem outro que vai dar limão, tem um que vai dar fruta doce, tem outro que vai dar fruta azeda...

B - Tem algum que vai dar abacaxi ?

AK - Tem alguns que vai dar abacaxi. Agora, o que nós queremos é zelar da nossa sementinha. Vai dar até ..... Agora, a nossa sementinha que é a Aliança dos Povos da Floresta ela nasce nesse canteiro grande de muitos pensamentos. O que eu acho é que a década de 90 vai assistir o nascimento, ainda, de milhares de outras iniciativas juntos, e tomara que elas sejam todas verdadeiras e para fortalecer a nossa luta, para fortalecer verdadeiramente a luta de proteção das florestas, mas que seja uma luta que não despreze garantir a vida para os seres humanos que vivem na floresta. Porque você não pode fazer uma campanha imaginado que a mata é virgem, igual uma menina assim que é virgenzinha, e que não tem gente que vive lá dentro da floresta, tem o povo que vive lá dentro da floresta. E o povo que vive dentro da floresta precisa viver, como sempre viveu, você não pode capar o povo que vive dentro da floresta para deixar a mata virgem.

B - Eu quero saber o seguinte, eu estou achando que esse papo aí, não esse agora, mas o anterior, de uma educação do Brasil para o mundo, estou achando que essa Campanha de vocês acaba colaborando com o Nossa Natureza, porque o governo brasileiro está muito interessado, neste momento, em provar que o Brasil é dos brasileiros e que os brasileiros vão decidir o futuro da Amazônia e dar um exemplo para o mundo, que os países desenvolvidos já fizeram o que fizeram

Acervo ISA

com o seu meio ambiente e continuam ..... agora querem ensinar o padre-nosso para o nosso vigário aqui e que a gente é que tem que ensinar para eles e tal. Eu quero saber como é que vocês vêem essa Campanha no contexto do Brasil, do governo brasileiro, do programa Nossa Natureza, que está hoje justamente acusando uma série de organismos de estarem querendo arrumar cada vez mais pretextos para internacionalizar a Amazônia.

AK - Então, uma das nossas intenções é educar também o projeto Nossa Natureza. Nós queremos educar o governo brasileiro para quando ele fizer um programa de novo, ele discutir com o povo da floresta porque esse, por exemplo, que ele fez agora, ele não discutiu com o povo da floresta. Então está tendo a maior dificuldade. Nós queremos educar também o governo brasileiro, os centros de pesquisa do Brasil, as universidades brasileiras. Esse projeto de pensamento nosso não parte do pensamento de que o Brasil é sabidinho e vai ensinar o mundo a viver, nós partimos do princípio de que tem uma realidade que muitos países que são hoje ricos, sacrificaram sua natureza, sacrificaram seu ambiente para realizar um tipo de desenvolvimento, é o mesmo tipo de desenvolvimento que hoje se tenta impor às regiões de ocupação tradicional de índios e seringueiros, ele não é um modelo que serve para nossa população. Nós queremos mostrar para eles, para a opinião pública nacional e internacional, que a insistência em formas de desenvolvimento agressivo ele vai ser contra a vida das pessoas e contra a natureza. E isso nós queremos ensinar tanto para a opinião pública internacional quanto para o governo que fez o projeto dele, a natureza dele.

B - Osmarino, o governo consultou os seringueiros também para fazer esse projeto ?

O - Não, o Nossa Natureza a gente ainda não teve, não tomou nem conhecimento, aliás ainda não pegamos, vimos só o comentário...

AK - De raspão.

O - Exatamente, mas a gente não participou de nada, ninguém sabe como é. E depois eu acho que, além da gente não ter participado, o fato de que não seria tanto, por exemplo, você, não sei se o Ailton concorda, mas se a gente está fazendo isso, não é no sentido tanto de levar uma consciência para a comunidade internacional, que apesar dela ter sofrido o que ela sofreu com seus projetos que acabou dando os escândalos do meio ambiente na comunidade internacional, mas é a própria, nós queremos evitar que isso aconteça aqui, o que já aconteceu em outros países. E que o próprio presidente, apesar de ter um discurso, até fazer projetos, mas a prática, pode até ter algumas coisas boas nesses projetos, mas a prática até hoje tem sido o

Acervo ISA

contrário. A gente vê o projeto Nossa Natureza sendo divulgado aí e que a população não participa...

AK - Desconhece.

O - ... não tem conhecimento disso, a mata continua caindo, os projetos de hidrelétricas, usinas...

AK - Estradas.

O - ... BRs, arrasando as comunidades inteiras da Amazônia. Então, quer dizer, é um papel agora dessa população, dos índios e dos seringueiros mostrar que o projeto Natureza se tiver alguma coisa boa, como outros projetos que já aconteceram, do governo federal para defesa do meio ambiente, nunca deu futuro para as populações que são afetadas por esses projetos. A nossa preocupação é no sentido de que nós temos o papel de levar ao conhecimento da opinião pública que o governo fala, fala, fala, aí você espreme e não sai nada. E nós queremos mostrar que é possível se fazer esse movimento, é possível se levar essa consciência e se a população pegar essa consciência, ter conhecimento dessas coisas, a população da cidade vai contribuir também, pressionando os órgãos que ele não vai mais iludir a comunidade nacional, para que isso fique sendo divulgado de maneira que ele está acabando com os índios, com os seringueiros. Está acabando com as comunidades, além de estar acabando com as comunidades, está acabando também com uma série de riquezas e cultura que tem dentro dessa floresta e que o pessoal não tem conhecimento. Então o projeto "a natureza deles", como a gente chama, não acredito da maneira como ele está sendo levado ao conhecimento da população, tanto nacional como internacional, ele venha a dar certo sem a gente participar e decidir junto.